

## Características de uma discografia estratégica: o modelo do *Diante do Trono*<sup>1</sup>

Alan Soares BEZERRA<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal – RN

### Resumo

A religião como conjunto de crenças é acionada por atores sociais na intenção de religar a sociedade a uma divindade. Ela tem na adoração, uma marca constituinte de seu ritual que por sua vez vê na música como produtora de sentido uma possibilidade de manutenção de fiéis e credos. O Ministério de Louvor Diante do Trono utiliza-se da música como pregação no termo weberiano, e como resultado, possui expressivos números de vendagem fonográfica consubstanciando uma cultura de adoração.

**Palavras-chave:** Música Gospel; Indústria Fonográfica; Lógica Simbólica; Diante do Trono; Discurso Midiático.

### Introdução

O seguinte trabalho pode ser dividido em dois momentos: um que toma as etimologias de religião e comunicação para justificar a ação religiosa em prol da construção de uma cultura de adoração e com isso, toda uma lógica ritual que tem na música uma das mais expressivas formas de produção de sentido; e outra, mais empírica, que tem por base o Ministério de Louvor Diante do Trono e a contabilização de músicas que estejam diretamente articuladas à adoração como ato ritual instituinte no consumo musical religioso.

### A religião como elemento cultural: o *re-ligare no communicatio*

Alimentada por relações sociais, manifesta como instituição e representante de uma cultura, a religião carrega funções dentro da sociedade. Funções essas que podemos denomina-las pelo viés comunicativo, uma vez que se partimos da etimologia do termo, “*communicatio*” significa estabelecer uma relação com alguém, mas, também com um objeto cultural que por sua vez, visa na fé à característica comunicativa citada por Bock (2002) de propaganda ideológica, que seria através do discurso religioso o “trabalho com

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da UFRN, email: [asb.alansoares@gmail.com](mailto:asb.alansoares@gmail.com)

conteúdos ideacionais, com crenças que procuram alterar o campo cognitivo das pessoas” (p.283). Do latim “*re-ligare*”, que significa voltar a ligar, ligar novamente ou simplesmente religar, religião etimologicamente trata de um conjunto de crenças relacionadas com aquilo que a humanidade considera sobrenatural, divino, sagrado e transcendental, bem como o conjunto de rituais e códigos morais que derivam dessas crenças.

É diante desse conceito em que enxergamos a religião como um conjunto de crenças que nos apropriamos de Rodrigues (2001) quando fala de campo social enquanto uma instituição social e uma esfera de legitimidade. Esfera essa, tratada como uma imposição com autoridade indiscutível por meio de atos de linguagem, discursos e práticas dentro de um domínio específico de competência reconhecido pelo fato de ocupar um lugar de sujeito de enunciação. Nesse contexto, o autor citado diz: “a legitimidade de um campo social, quer se afirme formal quer informalmente, incide sobre todo o processo de institucionalização dos valores que lhe são próprios, desde sua criação e gestão até à sua inculcação e sanção” (p. 145).

Podemos perceber essa afirmação quando nos deparamos com as figuras dos líderes religiosos que imbuídos de discursos e doutrinas emanam normas de condutas e de relações sociais para seus subordinados ou discípulos. Rodrigues (2001) irá dizer que é o conjunto dos detentores da legitimidade instituinte de um determinado campo social que forma ou constitui o seu corpo social, e que sua característica principal é a visibilidade através de insígnias. Diante disso, enxergando a religião como engendrada no processo comunicativo, a esfera de nossa análise consiste na instância de produção que nas palavras de Charaudeau (2010) consiste “ora como organizadora do conjunto do sistema de produção, num lugar externo, ora como organizadora da enunciação discursiva da informação” (p.73), ou seja, por vezes elaborando toda a organização lógica de um discurso e seus desencadeamentos, e por vezes executando essa organização.

Quando abordamos a religião – seja ela qual for – e nesse caso, associamos ao protestantismo, algo que lhes é inerente é o discurso, a linguagem, e até mesmo a postura disseminada diante de assuntos como um deus e um diabo, o bem e mau, céu e inferno, que vão interferir nos modos como os sujeitos participantes de tais religiões respondem perante o restante da sociedade e suas mais diversas concepções sobre esses e outros assuntos, o que caracteriza a pertença a determinadas instituições religiosas: “É pela comparação das modalizações dos discursos e dos comportamentos dos actores e dos agentes sociais que

podemos determinar a sua pertença a um determinado corpo social e o lugar relativo que ocupam na sua ordem hierárquica” (RODRIGUES, 2001, p.146).

Rodrigues (2001) vai dizer que a instituição de um determinado campo social – que aqui tratamos o religioso – se dar através dos processos rituais. Como não associar aos cultos? As liturgias? As pregações? Aos megaeventos gospel? Essa dinâmica institucionalizante apresenta-se como “um encadeamento de discursos e de gestos publicamente visíveis que se desenrolam num espaço e numa temporalidade próprios, separados, por conseguinte, dos espaços e dos momentos da vida quotidiana” (p.146), ou seja, essa ambiência discursiva se prolifera nos ajuntamentos religiosos através de uma visibilidade simbólica, fazendo com que “a força da forma simbólica que os gestos e os discursos rituais adquirem quando apropriados por um campo social alimenta-se precisamente do fosso entre a funcionalidade originária esquecida e a ritualização a que se presta” (p.146). Um exemplo assim seria a própria cruz para o evangélico, que segundo preceitos protestantes, ela sem a imagem de Jesus associada significa vitória, ao mesmo tempo em que com a figura do líder religioso é sinal de maldição. Em outras palavras:

Uma vez institucionalmente investidos da sua carga simbólica, os gestos e os discursos ritualizam-se e convertem-se em formas de visibilidade do campo social que os apropriou. Consoante a carga ou a força simbólica dos discursos e dos gestos, assim os rituais e os símbolos que os integram (espaços, tempos, corpo social legítimo, mas também objetos, palavras, gestos) recebem marcas de sacralização, assumindo assim de maneira mais ou menos clara, visível e coerciva a função ambivalente de inclusão e de exclusão, de abertura e de clausura que caracteriza precisamente a simbólica (RODRIGUES, 2001, p.147).

Morin (1986) diz que nas nossas vidas cotidianas “coexistem, sucedem-se, misturam-se crenças, superstições, racionalidades, tecnicidades, magias, e os nossos objetos mais técnicos estão por sua vez embebidos de mitologia” (p.145). Consonante a isso, o autor diz que o pensamento constituinte da religião é o simbólico/mitológico/mágico que corrobora com a concepção do conjunto de crenças que adotamos como conceito de religião, que por sua vez é detentora de um campo social formado por atores sociais como defendido por Rodrigues (2001).

### **A adoração e a música como integrantes do ritual religioso**

Faz-se necessário na conduta de uma adoração e/ou de um ritual, a presença do sujeito que o conduzirá e também dos elementos litúrgicos que compõem o processo. Por sua vez, nesse caso: o ministro e a música. Nesse sentido, palavras que são usadas por vezes como sinônimas: sacerdote e ministro, ambas, caracterizam o servo de Deus responsável por reger o culto, e que Agamben (2011) vai dizer que são os “funcionários de empreendimento permanente, regularmente organizado, para exercer influência sobre os deuses” (p.69).

Sendo assim, tomamos um trecho da entrevista concedida a nós para fins de pesquisa pela líder do Diante do Trono, a pastora Ana Paula Valadão quando a mesma define o que entende por música, e que percebemos uma relação direta no que Agamben fala exatamente no aspecto de influência sobre os deuses:

Como eu defino as músicas que componho? Eu as defino como orações cantadas. Afinal, eu canto aquilo que eu peço a Deus, aquilo que acredito que as pessoas também pedem a Deus, e expresso a Ele os meus sentimentos, as minhas angustias, minhas alegrias, e canto também o que Deus está falando para mim e para as pessoas, então elas também são uma via de mão dupla como a oração é um diálogo (Entrevista – ANA PAULA VALADÃO, 27/04/15).

Percebamos aqui a tripla função das composições da pastora dentro do que temos falado: a música como oração<sup>3</sup> dela, das pessoas – ou seja, um anseio social – e a resposta de Deus as inquietações tanto dela quanto do povo. Associamos a isso, a ação musical apresentada por Wisnik e sua capacidade cognitiva de aceitação ou rejeição:

A música não refere nem nomeia coisas visíveis, como a linguagem verbal faz, mas aponta uma força toda sua para o não verbalizável; atravessa certas redes defensivas que a consciência e a linguagem cristalizada opõem à sua ação e toca em pontos de ligação efetivos do mental e do corporal, do intelectual e do afetivo. Por isso mesmo, é capaz de provocar as mais apaixonadas adesões e mais violentas recusas (WISNIK, 2011, p.28).

Por sua vez, é encontrada dentro das próprias concepções musicais, pregações. Essas, no sentido weberiano que a entende como instrução coletiva acerca das coisas

---

<sup>3</sup> Oração aqui entendida como um “rito religioso, oral, que age diretamente sobre os seres sagrados” (AGAMBEN, 2011, p.247).

religiosas e éticas, o que corrobora com o fragmento da líder do DT no que tange ao que ela acredita ser a voz divina utilizando-se dela nas composições e sendo proliferada através de suas músicas. O que poderíamos relacionar ao que Weber (2006) chamaria de cura das almas, ou seja, uma estratégia de manutenção dos fiéis, o que nas suas palavras seria: “um verdadeiro instrumento de poder dos sacerdotes, precisamente na perspectiva da vida cotidiana, e sua influência na maneira de viver” (p.121), e que estaria diretamente associada à instrução coletiva da vida social, ou seja:

Quanto mais, portanto, um clero tenta regulamentar a prática de vida dos próprios leigos em conformidade com a vontade divina – e, sobretudo, quanto mais ele tende a basear nisso o seu poder e os seus proventos –, tanto mais tem de ir ao encontro das ideias tradicionais dos leigos, no que diz respeito à formulação da sua doutrina e do seu procedimento (WEBER, 2006, p.121).

Tudo isso fomentando o ritual de adoração, o que demanda uma aclamação ao Deus exaltado. Agamben (2011) diz que a aclamação é uma exclamação de aplauso, de triunfo e de louvor, e que a ela estaria associada o erguer da mão direita como sinal de rendição e aceitação, o que pode ser verificado nos cultos, nos shows de bandas gospel e nos demais ajuntamentos religiosos cristãos.

Nesse sentido, ele vai dizer que a liturgia no seu sentido epistemológico, como prestação pública, dentro do contexto cristão primitivo é fundamentado em elementos salmódicos e doxológicos<sup>4</sup> permeados pela aclamação e sacrifício<sup>5</sup> de maneira intimamente entrelaçadas. E também, perpassadas ao longo das gerações na intenção de naturalizar um discurso como Gonçalves (1999) aponta: “Uma das características dos rituais consiste no fato de as mensagens por eles veiculadas estarem associadas, por natureza, a manifestações sagradas e a valores místicos e essenciais da comunidade ou sociedade” (p.338).

Estamos diante de uma relação entre o soberano e os seus súditos, ou melhor, uma relação de adoração que Agamben irá utilizar de estudos de Alfödi para esclarecer que essa situação pode ter sido reconfigurada para a esfera ritualística espiritual tendo por modelo a monarquia divina oriental, cuja situação implicava como um gesto do suplicante que cai de

---

<sup>4</sup> Por salmódicos, entendemos o derivado de salmódia, ou seja, a maneira própria de cantar ou recitar os salmos. E por doxologia, a forma de louvar e glorificar a Deus. Ambos elementos salmódicos e doxológicos podem ser encontrados nos primeiros vestígios dos *Work Songs*, as músicas de trabalhos, cantadas pelos negros durante suas jornadas de trabalho e que foram a base para o desenvolvimento de música gospel americana que se expandiu por todo o mundo.

<sup>5</sup> Sacrifício entendido como oferta, como “nutrimento dos deuses” (AGAMBEN, 2011, p.255).

joelhos diante do seu poderoso e que aos poucos vai sendo difundido como parte integrante do ritual imperial como sinal de saudação e adoração. Por sua vez, o suplicante ou o adorador, está diante de alguém que simboliza uma autoridade revestida de glória, essa, entendida como uma ambiência de engrenagens que resultará na relação entre teologia e política, o que nas palavras de Agamben (2011) é: “a zona incerta que circulam aclamações, cerimônias, liturgia e insígnias” (p.208), além de estar associada na Bíblia à aparição de Yahweh, do seu Reino, do seu Juízo e do Trono. Interessante entender que por esse fator, estudos a posteriori de Maimônides citados por Agamben sobre a glória e esse caráter enviesado em uma dupla função, fez ele destrinchar em *glória* como a que é inerente de Deus e em *glorificação* como louvor dado pelos homens à glória de seu possível Criador. Ou seja, as aclamações e hinos – canto em honra – de louvor seriam respostas às manifestações da glória de Deus, logo, seriam glorificações.

Na figura de nosso objeto de estudo, o Ministério de Louvor Diante do Trono, há perspectivas que possibilitam investigações desde o nome dado a banda gospel. Na situação, encontramos essa relação de alguém que encontra-se diante de um símbolo de glória, de um lugar de circulação de aclamações, cerimônias, liturgias e insígnias. Uma posição do ser que adora, logo é inferior, perante um ser que é adorado, e que por sua vez é superior e que supostamente merece e/ou deve receber a veneração. Em um trecho do CD e do DVD comemorativo de 10 anos do Diante do Trono – chamado Tempo de Festa – Ana Paula Valadão relata como obteve a inspiração da composição para a letra que deu origem ao nome do grupo. Segundo ela, estava no banho quando sentiu uma presença diferente que chamou como sendo a presença do Divino e ela começou chorar e que a partir desse momento, a letra e melodia foram cantadas por ela. E um detalhe: ela se ajoelhou diante daquela presença e um fragmento da letra começou a entoar dizendo: “Eu me prostro Diante do Trono, eu me prostro diante do Rei”. Ela argumenta que para estar Diante do Trono só há uma postura correta que seria de joelhos e que chegando nesse lugar, quando de pé, ou seja, quando terminado o ritual, houve de forma sobrenatural um melhoramento do sujeito.

Lembremos aqui, que Isaías no livro bíblico vai dizer que ao redor do Trono estariam os anjos, e que esse lugar é cheio de glória. A glória que tomamos por conceito como o lugar que o adorador prestou sua aclamação, sua liturgia, sua insígnia. O que pode fazê-lo alcançar o êxtase emocional que Weber (2006) diz que pode ser exatamente gerado pelos “estados agudos de embriaguez por intoxicação, **pela música** e a dança ou pela

excitação erótica” (grifo nosso - p.204). Corroborando com essa ação simbólica da música, Wisnik diz:

A música é capaz de distender e contrair, de expandir e suspender, e condensar e deslocar aqueles acentos que acompanham todas as percepções. Existe nela uma gesticulação fantasmática que está como que modelando objetos interiores.

Isso dá a ela um grande poder de atuação sobre o corpo e a mente, sobre a consciência e o inconsciente, numa espécie de eficácia simbólica (WISNIK, 2011, p. 29/30).

Ana Paula Valadão, líder do DT, a detentora quase que total das composições do grupo diz que a Bíblia é sua fonte de inspiração. É através dessa narrativa que de maneira esboçada outrora apresentamos que essa cultura de adoração através da música vai sendo difundida para a sociedade. Cultura entendida nas definições de Morin (1994) como “normas/regras que organizam a sociedade e dirigem os comportamentos individuais” (p.17). No mais ele diz que “as ideias, crenças, símbolos e mitos não são só potências e valores cognitivos, mas também forças de ligação/coesão sociais” (p.18), e com isso, há uma direção nos conhecimentos individuais que por sua vez resultará em uma ação social de determinada coletividade, e que nesse caso dirige-se a uma parcela religiosa retroalimentando uma ciclo cultural, ou seja:

Os homens de uma cultura, pelo seu modo de conhecimento, produzem cultura, que produz o seu modo de conhecimento. A cultura gera os conhecimentos que regeneram a cultura. O conhecimento depende de múltiplas condições socioculturais, e, em retorno condiciona essas condições (MORIN, 1994, p.21.).

E que nos dias de hoje segundo o próprio autor, resultaria também em mercadorias culturais, que seriam músicas, palavras, filmes levados através de ondas fabricadas industrialmente e vendidas comercialmente. Que por sua vez, nos faz atentar ao espírito do capitalismo apresentado por Weber (2004) que valoriza a conduta da vida racional fundada na ideia da profissão como vocação e que seria exercida neste caso, pelo grupo musical na responsabilidade de supostos ministros de Deus.

Vale salientar, que Morin (2009) defende a sociedade atual como policultural, ou seja, uma concorrência de culturas que não se excluem, mas, que se sobrepõem. Ao passo



que tanto a cultura religiosa e hoje ainda mais a gospel (que falaremos a posteriori) necessita da indústria cultural e vice-versa. Atentamos a definição dela como um “corpo de símbolos, mitos e imagens concernentes à vida prática e à vida imaginária, um sistema de projeções e identificações específicas” (p.15/16).

### **18 anos de uma discografia estratégica: a proliferação da cultura de adoração**

O Ministério de Louvor Diante do Trono é uma banda gospel mineira com 18 anos de história. Ao longo desse período, produções fonográficas anuais vieram alimentando a cultura gospel com o incentivo de uma vida de adoração proposta como objetivo do grupo, além de desencadear no consumo dos produtos lançados alimentando a indústria fonográfica e conseqüentemente o mercado.

Fazemos menção da descrição da ambiência do trono proposta por Agamben (2011) como que constituída por “aclamações, cerimônias, liturgia e insígnias” (p.208), para construção dessa caracterização dos CDs do grupo ressaltando os temas e as canções com título de adoração que direcionem a uma possível conduta por esse viés ritual.

A partir daí, fizemos um recorte dos CDs seriados e volumados com o nome *Diante do Trono* de produções anuais. Ficaram de fora obras especiais, festivas, de integrantes com CD solo e do Centro Ministerial Diante do Trono – CTMDT (escola de música, artes e missões evangelísticas do grupo). Encontramos em um volume de 18 CDs 213 composições nas quais a maioria é de autoria da Ana Paula Valadão, e as demais se alternam entre traduções e adaptações de versões internacionais ou regravações nacionais. Destes, 82 músicas ligadas diretamente aos processos citados por Agamben como constituintes da ambiência da glória presente no lugar do Trono foram detectadas.

Nessas músicas podemos perceber a inclinação do grupo musical em construir um perfil de adorador diante desse símbolo, como lugar que narre: gratidão, amor, aclamação, grandeza, adoração, fidelidade, amizade, exaltação, santidade, glória, milagres, satisfação de necessidades, sacrifício, intensidade, soberania, salvação, honra, um Deus Rei, glorioso, vencedor, que é remédio, que também entronizado, que recebe o corpo humano como sacrifício para serviço ministerial na terra, um príncipe de paz para humanidade, além de pureza e destreza, vida, dependência, confiança, motivação, teocentrismo, louvor, justiça, reconhecimento e adoração pela volta de um Deus que buscará seu povo.

Ou seja, a condição de estar Diante do Trono torna-se vital para a conduta de vida em sociedade e conseqüente harmonia entre a divindade e o humano que são proposições



do grupo. Vale salientar, que o grupo tem como objetivo: “vivenciar e incentivar a adoração a Deus nas nações do mundo, *influenciando a sociedade* e a nova geração de adoradores com *excelência, santidade e amor*”<sup>6</sup>, daí, fazemos uma conexão com esse viés influenciador buscado pelo DT nos seguintes termos: como ritual religioso; como integrante da produção de sentido que a música promove; e, como estratégia na indústria fonográfica.

Corroborando com isso, Gonçalves disserta sobre os rituais religiosos:

A relação com o sagrado e o divino é, assim, delimitada no tempo e no seu objeto. O espaço sagrado associa os três níveis sociais: o afetivo, o inconsciente e o coletivo; ou, noutra dimensão, os três registros da emoção, do sentimento e da paixão, tomada esta no sentido de entrega total, de compromisso e mobilização (GONÇALVES, 1999. p.344).

Engendrando a essa lógica, a produção de sentido e de êxtase que a música promove, Wisnik diz:

A música é capaz de distender e contrair, de expandir e suspender, e condensar e deslocar aqueles acentos que acompanham todas as percepções. Existe nela uma gesticulação fantasmática que está modelando objetos interiores.

Isso dá a ela um grade poder de atuação sobre o corpo e a mente, sobre a consciência e o inconsciente, numa espécie de eficácia simbólica (WISNIK, 2011, 29/30).

Por sua vez, ratificamos isso nos números expressivos resultantes da indústria fonográfica que revelam a fonografia estrategicamente vendida do DT. O público inicial presente nas gravações foi de 7mil pessoas na igreja que o grupo nasceu (Igreja Batista da Lagoinha em Belo Horizonte) chegando à marca de 2milhões, anos mais tarde na Esplanada dos Ministérios em Brasília para a gravação do quinto CD da série.

Da primeira gravação em seguida, os números foram só aumentando. A última gravação foi a que contou com o menor público registrado, porém, algo é peculiar: foi a primeira gravação internacional e feita em Israel, na qual cada interessado em participar da gravação teria de desembolsar sua própria viagem, chegando a marca de 400 pessoas na gravação do CD Tetelestai que está em fase de pré-lançamento e na semana de fechada desse artigo encontra-se no terceiro dia seguido em primeiro lugar de vendas no iTunes.

Como reconhecimento ainda da fonografia bem sucedida, o Diante do Trono recebeu vários prêmios ao longo da carreira como melhor grupo, melhor álbum, melhor

---

<sup>6</sup> Fonte: [www.diantedotrono.com/historiadt](http://www.diantedotrono.com/historiadt)

música, tanto pelo extinto Troféu Talentos do grupo Record, como pelo Festival Promessas do grupo Globo. Fato interessante também, foi a permanência com a Som Livre de 2009 à meados de 2014 e que durante essa permanência a visualização do grupo gospel esteve veiculada na tevê do global.

Porém, com a saída da gravadora por questões contratuais, o lançamento do 16º CD foi tardado, no entanto, em apenas um dia obteve disco de ouro com 50mil cópias vendidas. Mesmo feito obtido no álbum anterior - *Creio* - que no tempo associado a Som Livre recebeu disco de ouro em um dia.

Está previsto para os próximos dias o lançamento oficial do novo CD *Tetelestai*. A estratégia utilizada para isso foram shows em capitais estaduais com transmissão da gravação em Israel, além de pré-vendas do mesmo na loja virtual do grupo, no iTunes e nas livrarias Saraiva. Como a gravação foi realizada no segundo semestre do ano passado, a estratégia de marketing foi reaquecer o mercado com os chamados pré-lançamentos.

### **Considerações**

A música com sua capacidade de produção de sentido abre várias possibilidades. A oportunidade de vê-la no campo da instância de produção da comunicação, ou seja, como seu compositor ou analítico, possibilita um vislumbre da carga possivelmente intencionada a partir dela. Percebendo isso, o Diante do Trono tem utilizado de suas produções fonográficas como meio de pregação de um estilo de vida que tenha na adoração a Deus uma prática social.

É importante salientar que mesmo sendo pregado esse discurso, outros sobrepõem-se nessa tentativa espiritualizadora como: participação nas gravações e shows, compra dos CDs e DVDs, viagens com a banda e consumo dos produtos lançados pelo mesmo que vai desde livros, CDs, roupas, joias e acessórios até a inscrição na escola de músicos do Ministério. Ou seja, toda uma construção de marcas simbólicas para se estar Diante do Trono passam a ser difundida e que vão além do simples ato de consumir música, gerando um público que segundo dados do site do próprio DT vai crescendo a cada gravação.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O reino e glória: uma genealogia teológica da economia e do governo: homo sacer, II,2**. Trad.: Selvino J. Assmann. São Paulo: Bointempo, 2011.
- BOCK, Ana Maria Bahia. Meios de Comunicação de Massa. In.: **Psicologia: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13ed. São Paulo: Saraiva, 2002. P.276-289.
- GONÇALVES, Antonio Custódio. **A memória cultural na simbolização dos ritos culturais**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1999). Disponível em: [ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3189.pdf](http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3189.pdf). Acesso em: 13/07/2015. P.337-345.
- HISTÓRIA DT**. Disponível em: <http://www.diantedotrono.com/historiadt> Acesso em: 24/06/2015.
- MORIN, Edgar. **O método 3: o conhecimento do conhecimento/1**. Portugal: Publicações Europa-América, 1986.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: neurose**. 9ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- “RELIGIÃO”. **Dicionário Etimológico**. 2008. Disponível em: <http://www.dicionarioetimologico.com.br/religiao/> Acesso em: 03/06/2015.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2001.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Trad.: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- WEBER, Max. **Sociologia das Religiões e Consideração Intermediária**. Trad.: Paulo Osório de Castro. Lisboa: Relógio D'Água, 2006.
- WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido: uma outra história das músicas**. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.